

A CONTRA-CONSERVA: PRÁTICAS ARTÍSTICO-PEDAGÓGICAS NO ENSINO

Gabriel Max da Silva Oliveira¹

RESUMO

A contra-conserva surge a partir da compreensão dramática de que temos atos espontâneos e conservados culturalmente, podendo as conservas contribuir para o desenvolvimento educacional dos sujeitos ou causar estagnação, impedimentos ao desenvolvimento educacional. É para esta segunda que serve a contra-conserva, o rompimento com a estagnação. Este texto, partindo do relato de experiência como método de escrita, apresenta a arte como metodologia de ensino, pautando as relações, seus agentes e possibilidades, como espaço de elucubração de processos de ensino-aprendizagem adequados à cada demanda. Ao propor um detalhamento, o texto relata quatro experiências de ensino: Banca 1, Banca 2, Estágio 1 e Estágio 2. Cada item detalhado apresenta particularidades das relações que o texto discute mais a frente. Essas relações são ainda divididas em relações composicionais (referente aos agentes que a compõem) e relações situacionais (referente a possibilidade de se relacionar). Todos esses elementos têm por objetivo facilitar a compreensão do que o autor deseja discutir enquanto ensino dramático e artístico-pedagógico, uma ação mobilizadora de afetos, signos e sentidos.

Palavras-chave: Contra-conserva. Ensino dramático e artístico-pedagógico. Relação.

INTRODUÇÃO

O presente resumo expandido diz respeito ao artigo apresentado ao curso de pósgraduação em *Arte na Educação: Música, Teatro e Dança*, da Faculdade Emir Borges. O texto tem por objetivo a amostragem da arte enquanto instrumento metodológico de ensino e, a partir de quatro situações de ensino-aprendizagem, discutir aspectos do Psicodrama de Jacob Moreno (1972), do Teatro do Oprimido de Augusto Boal (1991) e outros elementos iconográficos e literários nos processos de mediação do conhecimento em práticas educacionais.

Este trabalho propõe a discussão de quatro situações educacionais às quais me deparei em distintos momentos da graduação de licenciatura em Psicologia, Banca 1, Banca 2, Estágio 1 e Estágio 2. O intuito deste texto é pautar uma pedagogia que seja dramática, artística e vivencial.

O texto apresenta um foco nas relações, sendo o resultado a consequência dos processos relacionais entre professor e aluno, professor e conteúdo, professor e método, professor e

¹ Pós-graduando em Arte na Educação: Música, Teatro e Dança pela Faculdade Emir Borges - FEB; graduando em Cinema e Audiovisual pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. graduado em Psicologia (bacharel e licenciado) pela UESB; E-mail gabrielmaxdasilvaoliveira@gmail.com.

escola, professor e mundo, aluno e conteúdo, aluno e método, aluno e escola, aluno e mundo e aluno e aluno.

A PRÁXIS DA ARTE NA EDUCAÇÃO COMO MÉTODO CONTRA-CONSERVADOR

Ao propor uma contra-conserva, ou seja, uma prática disruptiva frente aos engessamentos que o conservadorismo escolar coloca, corroboro com Freire (2018, p. 18) que diz que “a educação reproduz, assim, em seu plano próprio, a estrutura dinâmica e o movimento dialético do processo histórico de produção do homem. Para o homem, produzir-se é conquistar-se, conquistar sua forma humana”. Dessa forma, elucubrar outras mediações para o ensino é fundamental, não somente para mudar os espaços, mas toda a sociedade e sua concepção de humano, reflexionando, pois, direitos e humanidades.

Para compreender as práticas comentadas, segue abaixo uma tabela com as relações do que se apresenta enquanto identificação e detalhamento das atividades.

Banca 1	Em 2018 fui contratado para dar aulas a uma criança de nove anos que apresentava dificuldades na escola, principalmente pela não aquisição da leitura e escrita. Frustrado, o aluno dizia repetidamente que não sabia ler e nem escrever. Sabendo que ele gostava de animes como Dragon Ball Z e Naruto, mudei, por exemplo, frases que são comuns na alfabetização de crianças, como “Maria pegou a boneca” por “Naruto saiu da vila”, ou seja, os personagens entravam como sujeitos da oração. Desse modo, a criança sentiu-se mais motivada para decifrar os códigos da linguagem que estavam nas atividades.
Banca 2	Quando decretada no Brasil a situação de pandemia do vírus Covid-19, assim como todo trabalho humano, a educação escolar foi acometida pelos impactos causados pela doença. Amplamente, a medida adotada pela Secretaria da Educação de Vitória da Conquista foi a continuação pelo envio das atividades escritas programadas. Alguns responsáveis procuraram pessoas que estariam dispostas a acompanhar suas crianças nessas tarefas. Propus-me para esse trabalho. Cada criança carregava em suas experiências subjetivas elementos próprios, que exigiam uma enorme flexibilidade quanto às relações com cada um, fora a relação coletiva. Com algumas crianças eu pude me relacionar a partir de animes como Pokémon e Naruto, já com outras tive que fazer esse movimento usando outras narrativas, como o futebol, cavalo de pau, pipa, dentre outras.

Estágio 1	O Estágio Específico Supervisionado IV, da licenciatura em Psicologia, dividiase em três momentos: observação, coparticipação e regência. Para as atividades em sala de aula, usamos de vários recursos que permitiam acessar o conteúdo proposto pelo livro didático da disciplina “Projeto de Vida e Cidadania”. A prática pedagógica foi atravessada e enriquecida pelos jogos teatrais, desenho, escritas literárias e brincadeiras diversas, nas quais eram possíveis provocar o
	diálogo sobre temas que seriam, imagino, mais difíceis sem essa mediação artística.
Estágio 2	No Estágio Supervisionado V da licenciatura, que refere-se a elaboração de projetos no contexto escolar, com o foco, nesse caso, a Orientação Profissional. A fim de vivenciar esse processo foi usado recursos artístico pedagógicos, principalmente jogos teatrais e dramatização. Minha dupla e eu percebemos, a partir dos recursos utilizados, que a experiência transmitida pelos alunos era de situações de muita violência. Com essa percepção apontamos para a turma o que nos apareceu e constatamos que eram realidades às quais eles se encontravam imersos. Em relação ao sonho e as perspectivas da realidade concreta, fizemos dramatização de entrevistas de emprego. Nessas dramatizações observamos que eles já dispunham de um material ideológico do que é o mundo do trabalho.

É importante frisar que a relação composicional (os componentes que se relacionam), é ligada diretamente à relação situacional (a possibilidade do formato). Observando o que foi detalhado anteriormente, a banca 1, banca 2, estágio 1 e estágio 2, podese compreender, de acordo a tabela, as formas que as relações tomaram, principalmente na sua proposta contra conservadora a partir de uma pedagogia dramática e artística.

Na contramão da Educação Bancária, a contra-conserva preconiza o sujeito, na sua totalidade, capaz de compor sua própria narrativa dentro da história, ciente de ser envolto de processos culturais, sociais e políticos que, por vezes, escapam. De acordo com Saeki et al (2002), a utilização do Psicodrama possibilita a reflexão dos sujeitos sobre eles mesmos, num movimento que pensa além da via da verbalização, que pensa o corpo reflexionando junto, costurando as relações que o sujeito estabelece.

Buscando o método adequado para orientar as relações de ensino-aprendizagem, chegase ao Psicodrama e ao Teatro do Oprimido. Segundo Oliveira e Araújo (2012, p. 348) “tanto Moreno como Boal trabalhavam com a perspectiva da realidade excedente, na qual as relações que ainda não ocorreram, tanto no palco como na vida, poderiam ser restabelecidas e até mesmo transformadas”. Dessa forma, compreende-se, paralelizado com o contexto de ensino, que o sujeito educacional sempre está frente a uma situação. Seja na cena

psicodramática, seja no palco do TO o sujeito é, em qualquer situação que seja, convocado a dar uma resposta.

A arte-educação pretende utilizar a arte no processo de formação humana para dar sentido ao sentir e a percepção de mundo do ser, utilizando-se das emoções e referências simbólicas (cultura, memória, criatividade) do indivíduo. Com isto pretende educar respeitando a cultura herdada e acrescentando conhecimento a fim de dar instrumentos ao aluno para que ele venha desenvolver uma capacidade intelectual para saber ser crítico dentro desta mesma cultura (Rodrigues et al. 2017, p. 117).

De acordo com Rodrigues et al (2017, p. 123)

Além de atentar-se à cultura local e bagagem trazida pelos alunos para desenvolver uma eficiente aula de arte, também é necessário olhar ao redor e compreender a sociedade contemporânea e suas mudanças significativas. Os alunos estão em constante mutação e a arte-educação pode desenvolver um excelente trabalho neste contexto.

Quando todo este contexto em que a arte-educação se encontra for revisto dentro do atual sistema educacional, ou em um futuro próximo, quem sabe o aluno entenda que as aulas de arte podem oferecer bem mais que lazer ou momento de refrigério para com as demais matérias, mas sim uma ferramenta de expressão das emoções.

É comum que os alunos apresentassem essa insegurança no início das atividades, visto que elas exigem certo grau de espontaneidade. Sobre a espontaneidade, diz Moreno (1972, p. 58): “é o caráter de não derivar por lei de algo antecedente... Não sei como poderia entenderse o significado de espontaneidade, a não ser como novidade, frescor e diversidade”. Portanto, ser espontâneo é criar e, segundo May (1982), criar é um ato que exige coragem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas dramáticas e artístico-pedagógicas no ensino corroboram para o autoconhecimento dos alunos, de modo a orientar escolhas mais acertadas em questões apresentadas pela vida. Não obstante, a arte, segundo Villaça (2014, p. 78-79)

Acessa, tanto para quem faz, quanto para quem usufrui, diversos elementos da natureza humana, como já dito anteriormente. Para cada indivíduo, terá um significado diferente, resultante da combinação entre nossa percepção sensorial e nossas referências simbólicas: memória, cultura, imaginação, mitos, sentimentos etc.

Dialogar os relatos das experiências de ensino com os referenciais teóricos, possibilitou a ampliação da perspectiva de trabalho artístico-pedagógico, dramático e educacional.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

MAY, Rollo. **A Coragem de Criar**. Aulyde Rodrigues: trad., 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

MORENO, Jacob L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1972.

OLIVEIRA, Érika C. S.; ARAÚJO, Maria F. **Aproximações do Teatro do Oprimido com a Psicologia e o Psicodrama**. São Paulo: Psicologia: Ciência e Profissão, 2012.

RODRIGUES, Rafaela N. L.; SOUZA, Leonardo J.; TREVISIO, Vanessa C. **Arte-educação: a relevância da arte no processo de ensino e aprendizagem**. São Paulo: Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro, 2017.

SAEKI Toyoko. **O Psicodrama Pedagógico: Estratégia para a Humanização das Relações de Trabalho**. Brasília: Rev Bras Enferm, 2022.

VILLAÇA, Iara C. **Arte-educação: a arte como metodologia educativa**. Cairu em Revista, 2014.